

MICROSCÓPIO

Júpiter, Vulcano e a Democracia

RAUL PILLA

Não sei se chegarão a uma solução acorde da sucessão presidencial. Sempre me pareceu difícil a concordância entre as próprias correntes do centro, por causa dos formidáveis poderes que se ligam à presidência da República; e quase impossível se me afigura a convergência com as chamadas correntes populistas.

Não haverá, pois, acôrdo, ou difficilmente o haverá. E daí? Nada de catastrófico, ou simplesmente irremediável, se poderia ver no acontecimento. Se as direções partidárias não conseguirem entender-se (dada a delicada situação do país, preferível seria que se entendessem) a verdade é que, com acôrdo, ou sem êle, ao povo cabe sempre resolver, e resolver em última instância. Tal é, pelo menos, a teoria, senão a prática do regime. E para que o povo resolva, é que se fazem eleições e se incorre nas despesas, nos trabalhos, nos incômodos que toda eleição acarreta.

Dir-se-á, porém, que o povo pode escolher mal. Mas, quem garante que alguém por êle escolheria melhor? Demais, é fundamental, no regime, que a escolha seja dêle, ou, pelo menos, que a êle caiba a decisão final. O ser bem ou mal feita a escolha torna-se secundário; o essencial é que seja êle quem a faça, já que é o maior interessado nela.

Tão elementares conceitos parecem ignorar-se neste país. Não se entenderam os políticos? E não se entenderam êles, entre outros motivos, por estar o Olimpo interessado em que não se entendessem? Pois, ai dêles e do país! Contra êles e contra esta nossa avariada democracia, Júpiter Tonante ~~destrói~~^{lança} os raios, que se forjam nas oficinas do deus Vulcano. Isto é, pelo menos, o que apregoam os escribas. Desta ameaça somente Vulcano nos poderá livrar, recusando-se a entregar os seus raios... 4. IV. 950